

A moda contemporânea: O encontro entre a Moda Minimalista de Helmut Lang e a Moda Conceitual de Alexander McQueen

Janaine Camilo de Lima¹

Vivian Andreatta Los²

RESUMO

Este trabalho analisa as contribuições de Helmut Lang para o minimalismo e de Alexander McQueen para a moda conceitual, destacando como suas criações impactaram a moda contemporânea. O objetivo principal é compreender de que maneira os trabalhos desses designers influenciaram estéticas e discursos da moda atual, explorando suas inovações estilísticas e conceituais. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental de coleções icônicas e em literatura especializada. Foram selecionadas, de maneira intencional, as coleções Primavera/Verão de 1998 de ambos os estilistas, pois representam expressivamente os conceitos de minimalismo e moda conceitual. A coleta de dados foi realizada por meio de fontes como revistas especializadas, sites acadêmicos e livros sobre moda, e a análise de conteúdo permitiu interpretar os significados explícitos e latentes nas criações dos designers. O referencial teórico baseia-se em uma abordagem crítica da moda, considerando o contexto histórico e cultural em que Lang e McQueen desenvolveram suas obras. Ao examinar suas contribuições, busca-se evidenciar como suas estéticas distintas convergem na construção da moda contemporânea, demonstrando a relevância contínua de suas influências.

Palavras-Chave: Minimalismo. Moda Conceitual. Helmut Lang. Alexander McQueen. Design de Moda Contemporâneo.

1 INTRODUÇÃO

A moda é um fenômeno cultural dinâmico, refletindo valores e transformações de diferentes épocas. Como afirmam Lipovetsky (2009) e Kawamura (2005), a moda não se restringe ao vestuário, mas desempenha um papel fundamental na construção de identidades e no imaginário coletivo. Entre os diversos estilos que emergiram ao longo das décadas, o minimalismo e a moda conceitual se destacam por suas abordagens

¹ Graduanda do curso de Design de Moda, Instituto Federal de Santa Catarina, campus centro de Jaraguá do Sul/SC. camilodelimajanaine@gmail.com.

² Mestre em Educação (FURB), Instituto Federal de Santa Catarina, campus centro de Jaraguá do Sul/SC, vlos@ifsc.edu.br

inovadoras e por influenciarem profundamente a moda contemporânea. O minimalismo, representado por Helmut Lang, caracteriza-se pela ênfase na simplicidade, funcionalidade e precisão estética (Blackman, 2017). Já a moda conceitual, amplamente desenvolvida por Alexander McQueen, propõe narrativas visuais intensas e provoca reflexões profundas sobre identidade e sociedade (Bolt, 2007). Embora possuam características distintas, ambos os movimentos contribuíram significativamente para a renovação da moda, influenciando designers, consumidores e a indústria de forma ampla.

Dessa forma, este estudo investiga o impacto das criações de Lang e McQueen na moda contemporânea, tendo como questão norteadora: **quais as contribuições dos trabalhos de Helmut Lang pelo minimalismo e de Alexander McQueen pela moda conceitual para a contemporaneidade?** Para responder a essa questão, o objetivo geral da pesquisa é analisar de que maneira as obras desses estilistas moldaram a estética e os discursos da moda atual. Como desdobramentos desse objetivo, propõem-se os seguintes objetivos específicos: (1) investigar o surgimento dos movimentos minimalista e conceitual na moda; (2) descrever como Helmut Lang incorporou o minimalismo em suas coleções; (3) explicar sobre a aplicação da moda conceitual por Alexander McQueen; e (4) analisar as coleções Primavera/Verão de 1998 de ambos os estilistas, considerando conforto, funcionalidade e durabilidade.

A moda contemporânea se constrói a partir do diálogo entre diferentes referências estilísticas. Segundo Quinn (2012), o minimalismo e a moda conceitual permanecem como influências essenciais para o design contemporâneo, moldando o pensamento criativo da indústria. O minimalismo, ao redefinir o vestuário com cortes precisos e tecidos inovadores, influenciou não apenas a moda, mas também o design de produtos e o comportamento do consumidor (Fiorani, 2014). Já a moda conceitual de McQueen desafiou convenções, transformando o desfile de moda em uma experiência performática e questionadora (Evans, 2003). Assim, este estudo se fundamenta em uma pesquisa bibliográfica e documental, analisando fontes acadêmicas, revistas e arquivos de coleções para compreender como esses designers influenciaram a moda atual.

2 MINIMALISMO

O minimalismo tem suas raízes em antigas tradições filosóficas e religiosas. Na Grécia e Roma antigas, os estóicos ensinavam a importância de viver em harmonia com a natureza e focar no que podemos controlar, evitando excessos materiais. No Oriente, o zen-budismo também defendia princípios minimalistas, destacando a simplicidade e a harmonia com o ambiente (Guardelli, 2014).

Após a Segunda Guerra Mundial, o consumismo foi reforçado pelo "Sonho Americano" e suas promessas de prosperidade material. A superprodução industrial levou à criação de publicidade para incentivar o consumo, muitas vezes desnecessário, e estratégias como a obsolescência programada para promover constantes compras. Nesse contexto, o minimalismo emergiu como estilo de vida em resposta à Revolução Industrial e ao consumismo ocidental (Mamede, 2021).

Nos Estados Unidos, no final da década de 1950 e durante toda a década de 1960, uma intensa efervescência cultural desafiou as normas estabelecidas do "mainstream"³ artístico. Segundo Sequeira (2013), nesse período, houve o aparecimento de diversos movimentos de contracultura, cada um com sua própria expressão artística e crítica, como o Pop, Conceptualismo, Minimalismo, Arte Povera, Neo-Dada e performances orientadas.

Vários nomes foram sugeridos para essa nova forma de arte, como "Arte ABC", "Arte Reiterativa" e "Literalismo", mas foi "Arte Minimal" ou "Minimalismo" que se firmou. O termo "Minimal Art" foi popularizado pelo crítico Richard Wollheim em um texto publicado em 1965. Curiosamente, os próprios artistas associados ao movimento negaram sua existência, e Wollheim não mencionou em seu texto nenhum dos artistas cujas obras mais tarde seriam classificadas como minimalistas (Batchelor, 2001, p. 6).

O minimalismo, em particular, emergiu como uma reação à exuberância romântica do expressionismo abstrato. Focando na simplicidade formal e na produção

³ **Mainstream** é um conceito que expressa uma tendência ou moda principal e dominante. A tradução literal de *mainstream* é "**corrente principal**" ou "**fluxo principal**". Em português, *mainstream* designa um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. Este conceito está relacionado com o mundo das artes, principalmente com a música e literatura. Um grupo musical *mainstream* agrada a maioria da população e apresenta um conteúdo que é usual, familiar e disponível à maioria e que é comercializado com algum ou muito sucesso. (Fonte: Google [Significado de Mainstream \(O que é, Conceito e Definição\) - Significados](#))

em série, os artistas minimalistas buscavam proporcionar ao observador uma nova percepção fenomenológica do ambiente em que suas obras estavam inseridas. As obras minimalistas destacavam-se por suas formas elementares, geralmente geométricas, e evitam qualquer ilusão e interpretações metafóricas. Situadas entre a pintura e a escultura, essas peças apresentavam uma realidade física nua e crua, onde o ponto de vista do observador era essencial para a compreensão da obra, desprovida de efeitos decorativos ou expressivos (Sequeira, 2013).

Na música, o minimalismo se popularizou com artistas como Steve Reich e Philip Glass. Na arte visual, conhecido como ABC art, ganhou destaque nos anos 60 como reação ao expressionismo abstrato, influenciando arquitetura, design e publicidade (Mamede, 2021).

Artistas como Donald Judd e Frank Stella procuraram simplificar a arte às suas formas mais essenciais. Judd enfatizava que a simplicidade na forma não significa uma experiência simplória, mas sim a criação de uma interação profunda com o essencial.

Na arquitetura, Ludwig Mies van der Rohe, um precursor do modernismo, popularizou a frase "menos é mais". Sua abordagem destacava linhas limpas, espaços abertos e o uso funcional e estético de materiais modernos. Mies defendia que a verdadeira beleza não está na ornamentação excessiva, mas na simplicidade e honestidade das formas (Guardelli, 2014).

Para entendermos como o minimalismo surgiu na moda, é necessário verificar o estilo de alguns estilistas que tiveram trabalhos relevantes com esse segmento e por que nos dias atuais esses designers foram considerados minimalistas. Segundo Girard (2024), nos EUA e no Japão, a moda evoluiu espelhando mudanças sociais, avanços tecnológicos e influências culturais. Nos EUA, a metade do século XX trouxe a popularização de roupas casuais e jeans, símbolos de rebeldia e individualismo juvenil inspirados por ícones como James Dean e Marilyn Monroe. O *sportswear* americano também ganhou destaque, com suas silhuetas descontraídas e designs funcionais, o que transformou o cenário da moda.

No Japão, após a Segunda Guerra Mundial, a rápida modernização e renascimento cultural impulsionaram designers vanguardistas como Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto, que misturam a estética tradicional japonesa com influências ocidentais, e fez surgir o famoso streetwear japonês e movimentos de moda minimalista (Cho, 1994).

Na Alemanha, a moda reflete a reputação do país em inovação e qualidade. Designers como Jil Sander e Karl Lagerfeld são conhecidos por suas contribuições significativas à moda global, com uma estética minimalista e atenção aos detalhes. A moda alemã é marcada por linhas limpas, elegância discreta e design funcional. Berlim, a capital, tornou-se um centro vibrante de moda contemporânea, com uma cena criativa e designers de vanguarda que desafiam as normas tradicionais do design (Cho, 1994).

Em 1960 surge na França um importante nome para o Minimalismo, André Courrèges, estilista que revolucionou a moda com suas saias cada vez mais curtas e calças justas, combinadas com jaquetas e túnicas geométricas. Esse visual leve e alegre refletia o espírito da época, sendo rapidamente adotado pelas mulheres para o dia a dia e ocasiões especiais. Ele lançou três linhas: *Prototypes* (alta costura), *Couture Future* (prêt-à-porter de luxo) e *Hyperbole* (prêt-à-porter acessível). Cada linha oferecia uma variedade de designs em cores vibrantes como branco, rosa claro, azul gelo, bege, laranja e verde limão (Cho, 1994).

Ele buscava proporcionar liberdade corporal e simplicidade confortável, acreditando que a mulher moderna precisava de roupas práticas para trabalhar, viajar e até correr. Suas criações incluíam saias curtas, calças confortáveis e botas simples, rejeitando cintas, saltos altos e sutiãs. Courrèges via a moda como uma expressão social dos anos 60, alinhada ao estilo de vida rápido e alegre da juventude influenciada pelo *rock-and-roll*. Ele acreditava na libertação feminina através do pensamento, trabalho e roupas, defendendo que as mulheres buscavam ser belas e livres (Cho, 1994).

A minissaia e as calças *skinny* de Courrèges se tornaram ícones dos anos 60, representando a juventude da época. A influência arquitetônica no design de Courrèges era evidente em suas construções geométricas e padrões, e utilizavam materiais resistentes e cores variadas. Seu estilo refletia uma abordagem arquitetônica, combinando funcionalidade e estética de forma inovadora (Cho, 1994).

Courrèges via a moda e a arquitetura como formas de arte que compartilham elementos como forma, cor e ritmo do material. Ele sempre pensou na arquitetura ao criar suas roupas, buscando resolver problemas funcionais de maneira harmoniosa, semelhante a um engenheiro projetando um avião. Para ele, o luxo nas roupas era irrelevante; o foco estava na funcionalidade e simplicidade. Ele acreditava que tanto a arquitetura quanto a moda deveriam proporcionar um mínimo de desconforto e um

máximo de satisfação. Seus designs eram simples, funcionais e práticos, inspirados na arquitetura moderna (Cho, 1994).

A linha arquitetônica de seus vestidos e os materiais resistentes que ele usava no final dos anos 60 expressavam uma imagem futurista. Suas criações selvagens, estranhas e sexy se espalharam e refletiam um gosto arquitetônico e uma imagem futurista. Seus projetos recentes continuaram a mostrar essa influência arquitetônica, com linhas de desenho que tinham forma escultórica e uma imagem espacial. Courrèges não apenas desenhava, mas construía seus vestidos utilizando tecidos que seguiam as proporções do corpo feminino para garantir conforto. Seu design era uma estrutura que suportava um estilo funcional, confortável e despojado. O branco era a cor base de suas criações, perfeito para contrastar e realçar outras cores, e harmonizava com seu estilo de design vital e dinâmico. Ele usava materiais ásperos, grossos e brilhantes para determinar a forma dos vestidos, sempre priorizando conforto e movimento (Cho, 1994).

Nos anos 60, outro designer francês, Pierre Cardin, se destacou pelo estilo espacial. Cardin utilizou uma estética futurista em suas criações de prêt-à-porter, o que fez refletir o espírito da época com formas arquitetônicas e novas propostas têxteis, ao criar um visual que evocava o futuro (Braga, 2009).

Inicialmente influenciado pelo minimalismo *mod*, evoluiu para uma moda futurista, especialmente apreciada na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (estado que existiu entre 1922 a 1991) devido à sua simplicidade e à conexão com as conquistas espaciais soviéticas. Materiais inovadores como nylon e dacron eram usados, criando visuais geométricos e brilhantes. Contudo, essas inovações raramente chegavam ao público soviético em geral (Chubotina, 2020).

Nos anos 70, a moda masculina começou a simplificar, com um estilo mais clássico e afastando-se das tendências juvenis. No entanto, isso mudou rapidamente com a chegada do *punk*, trazido por Malcolm McLaren e Vivienne Westwood. Embora o *punk* não tenha se espalhado amplamente, ele trouxe uma nova energia e pavimentou o caminho para as inovações estilísticas dos anos 80. Assim, a moda masculina também se libertou das normas tradicionais, refletindo as transformações sociais da época (Chubotina, 2020).

A partir de 1980, o Minimalismo iniciou na área da moda de maneira sofisticada, limpa e simples. O que fez abandonar os exageros das décadas anteriores, a moda

minimalista começou a priorizar peças que oferecessem maior conforto e praticidade para o cotidiano. O princípio do "menos é mais" ganhou destaque com a criação de roupas atemporais, em cores neutras, combinações monocromáticas, estampas discretas e formas geométricas bem definidas (Soares, 2002).

Em contraste aos excessos da época, estilistas como Rei Kawakubo apresentaram reações através de seus modelos. Kawakubo, com sua marca *Comme des Garçons*, causou polêmica em Paris ao lançar uma coleção vanguardista e toda em preto, apelidada pela mídia de "Hiroshima Chic". Inspirados por essa abordagem reacionária, Martin Margiela e o grupo *Antwerp Six* adotaram métodos únicos de desconstrução, influenciando a moda nos anos 1990 como uma resposta direta aos excessos da década anterior (Renfrew; Renfrew, 2010).

Issey Miyake, Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto foram três designers japoneses que revolucionaram a moda ao introduzirem o estilo *wabi-sabi* na capital da moda, Paris. Seus designs, caracterizados por formas e tecidos que refletem a estética japonesa, contrastam com os visuais idealizados e extravagantes da moda ocidental. Enquanto a moda europeia tende a enfatizar as curvas do corpo feminino com roupas mais ajustadas, o estilo *wabi-sabi* valoriza a naturalidade e a funcionalidade, desafiando essas normas. Miyake, por exemplo, desenvolveu um tecido de poliéster que se adapta às formas do corpo de maneira eficaz, alinhando-se com a busca japonesa por praticidade e uma estética mais natural inspirada no xintoísmo (Fang; Fu, 2023).

Na década de 90, o minimalismo dominava a moda, guiado pelo lema "menos é mais". Os designers ficaram em silhuetas claras, linhas de corte precisas, alta qualidade de materiais e funcionalidade dos produtos, evitando adornos como babados e zíperes aparentes. O estilo minimalista era marcado pelo uso de cores monocromáticas e tons naturais, sendo amplamente adotado na moda corporativa devido à sua sobriedade e simplicidade.

Helmut Lang e Jil Sander foram pioneiros do minimalismo na moda dos anos 90. Sander desafiou a moda feminina dos anos 80 com designs que enfatizavam elegância e conforto, utilizando paletas de cores neutras e cortes precisos para criar uma imagem moderna e confiante (Minasian; Gudkova, 2022).

Sander e Lang demonstraram que a moda poderia ser funcional, estética e livre de excessos, com um enfoque na sustentabilidade e na longevidade das peças. Helmut

Lang, em particular, misturava elementos tradicionais com inovação, usando desde denim caro até suéteres simples, sempre buscando um equilíbrio entre simplicidade e sofisticação. Suas coleções desafiaram as normas e ajudaram a transformar o minimalismo em um estilo de vida duradouro e relevante. (Minasian; Gudkova, 2022).

O impacto desses designers se estendeu além dos anos 90, influenciando a moda contemporânea com uma abordagem que valoriza a qualidade, a praticidade e a atemporalidade, refletindo um desejo crescente por uma moda mais sustentável e consciente (Minasian; Gudkova, 2022).

A influência de designers como Jil Sander, Calvin Klein e Helmut Lang na moda é notável, especialmente com sua ênfase em linhas limpas, formas diretas e cores neutras. Essa abordagem teve um grande impacto na indústria da moda, moldando a estética minimalista que muitas marcas seguem hoje. O minimalismo, com seu foco em elegância, simplicidade e funcionalidade, trouxe uma nova dimensão ao design nos últimos anos (Craven, 2008).

Helmut Lang nasceu em Viena em 1956 e foi um dos designers que realmente abraçou o minimalismo em suas criações. Segundo Craven (2008), Lang começou sua jornada na moda por necessidade pessoal, criando suas próprias peças depois de não encontrar o que procurava nas lojas.

Ao contrário de alguns dos seus colegas, seus designs não eram tão sombrios, e por isso, não receberam tanta atenção na literatura de moda. Mas isso não significa que a moda de Lang seja qualquer coisa menos do que impressionante. Ele tinha uma habilidade incrível de criar roupas "inteligentes" com detalhes sutis e inovadores. Lang transformou o cotidiano da moda em algo único, e essas pequenas reviravoltas em seu trabalho fizeram dele o designer perfeito para incorporar um certo "mito" na moda sem cair na fantasia. Ele conseguiu capturar a essência dos jovens descolados e transformá-los em adultos com um estilo anti-moda (Büttner, 2021).

Lang foi um designer inovador que fez grande impacto na moda durante as décadas de 1990 e início dos anos 2000. Ele é amplamente reconhecido por sua abordagem minimalista, que contrastava fortemente com o excesso de decoração dos anos 1980. (Büttner, 2021).

Lang popularizou o uso de peças urbanas simples, como ternos combinados com camisetas brancas, e revolucionou o setor ao abandonar cronogramas sazonais tradicionais e incorporar materiais inovadores em suas coleções, utilizava materiais

tecnológicos ou híbridos, como náilon ou tecidos com acabamento texturizado, que poderiam estar presentes em suas peças. (Minasian; Gudkova, 2022).

Lang também foi conhecido por sua capacidade de brincar com o conceito de funcionalidade. Em vez de seguir a moda convencional, ele muitas vezes questionava os padrões de beleza e usava materiais de maneira não convencional. Por exemplo, ele transformou um zíper em um colar, desafiando sua função original, e incorporou elementos militares de maneira decorativa, como o colete à prova de balas. Seu estilo foi influenciado pelo *streetwear* e por uma abordagem mais andrógina e rebelde à moda, destacando-se por sua sensualidade e a inclusão de peças que frequentemente exploram a sexualidade e desafiam normas tradicionais. (Büttner, 2021).

Ele foi um dos pioneiros a explorar a internet para divulgar seu trabalho, transmitindo sua nova coleção online em 1998. Em 1999, a Prada adquiriu 49% de sua marca, mas, insatisfeito por não ter controle total sobre a criatividade, Lang deixou a empresa cinco anos depois. Após sua saída, a marca passou por mudanças, sendo vendida para a Theory Holdings Co em 2006. A Theory contratou Michael e Nicole Colovos para dar continuidade ao legado de Lang, explorando novas tecnologias e mantendo a estética modernista.

Em uma entrevista à *Vogue* em setembro de 1998, Lang revelou seu desejo de ser um artista e sua experiência com a culpa e a indignidade herdadas de sua educação católica por ter estudado negócios. Ao final, Lang construiu uma reputação de artista. Em 2008, sua arte foi exibida na Kestnergesellschaft em Hannover, na Alemanha, solidificando sua marca como uma referência artística além da moda (Craven, 2008).

3 MODA CONCEITUAL

O conceito de uma peça tem a ver com a imagem que se quer passar através da roupa. A imagem de moda não é apenas a apresentação de roupas, mas a construção de uma narrativa visual que comunica ideias, sentimentos e conceitos, utilizando todos esses elementos de maneira integrada. Cada componente é pensado para reforçar o conceito central da imagem, criando uma unidade que é percebida pelo espectador. (Façanha; Mesquita, 2019) Na Moda Conceitual a roupa é vista como um suporte de ideias, ganhando múltiplos sentidos e materializando conceitos por meio de

imagens.(Silva; Mori 2010)

A Moda apresenta uma dualidade que a torna fascinante: é tanto fútil quanto séria, sustentando-se nessas duas dimensões. No âmbito industrial, seu processo começa com a análise de eventos sociais para identificar tendências que podem ser transformadas em produtos comercializáveis. Por outro lado, ao abordar a Moda Conceitual, ela é percebida como um fenômeno, permitindo liberdade criativa e rompendo com padrões cíclicos. Sua relação com a Arte Conceitual é notável, já que o conceito surgiu inicialmente no campo artístico, possibilitando uma conexão entre ambas (Silva; Mori, 2010).

No início do século XX, a moda passou a seguir um calendário fixo, expandindo-se para coleções sazonais e especiais, enquanto fortalecia sua conexão com a arte. Nesse período, a alta-costura feita sob medida deu espaço ao prêt-à-porter mais acessível. A moda também começou a ser percebida como um fenômeno cultural, desafiando sua visão tradicional como algo superficial e separado da arte. (Bezerra, 2021)

A Arte Conceitual surgiu como movimento artístico nos anos 1960 e prioriza a ideia e o processo criativo, rompendo com formalidades modernistas e sendo influenciada pelo Dadaísmo e pela Pop Art. O movimento critica o formalismo, as instituições artísticas e o mercado da arte. Inspirado pelo grupo Fluxus, que visava integrar a arte ao cotidiano e revolucionar a cultura e política, a Arte Conceitual utiliza diversos meios, como fotografia e vídeo, para documentar o processo criativo, sem depender de galerias ou museus. Embora rejeite a materialidade tradicional da arte, a necessidade de registro do processo mental cria uma ligação com a estética moderna. Assim, a Arte Conceitual mistura conceito e estética, destacando a ideia como elemento principal. Livre de regras, ela utiliza materiais diversos e frequentemente recorre à ironia para provocar reflexão, mais do que para agradar. (Silva; Mori, 2010)

A moda conceitual, por sua vez, vai além da estética funcional, priorizando ideias e reflexões. Obras como o *Vanitas: Flesh Dress* de Jana Sterbak ou o vestido Mondrian de Yves Saint Laurent mostram como a moda pode ser usada para transmitir conceitos profundos, como críticas feministas e questões de identidade. Esse tipo de moda utiliza o corpo como suporte para expressões artísticas e filosóficas, muitas vezes

explorando temas como o "inquietante" de Freud, que aborda o desconforto causado por objetos familiares em contextos inesperados. Assim, a moda conceitual transcende sua função prática, tornando-se um meio de questionamento e criação artística, ao mesmo tempo em que explora a relação entre corpo, identidade e expressão criativa. (Bezerra, 2021)

A moda conceitual ganhou força a partir dos anos 1960, período marcado por intensas mudanças sociais e culturais, como a contracultura, movimentos de minorias e avanços tecnológicos. Jovens rejeitavam as normas tradicionais e passaram a buscar inovação, o que levou ao surgimento de uma moda industrial, acessível e experimental, baseada na obsolescência programada e na contestação dos padrões impostos pelas elites. Influenciada pelas artes visuais, a moda conceitual se desenvolveu a partir de criações baseadas em conceitos. Como exemplos, pode-se citar Elsa Schiaparelli, que foi pioneira ao explorar temas surrealistas, transformando ideias abstratas em peças que provocavam reflexão. Designers como Paco Rabanne também desafiaram convenções ao apresentar vestuários feitos de materiais não convencionais, como placas de plástico, e ao questionar os limites da moda em desfiles performáticos que enfatizavam a mensagem mais do que a funcionalidade das peças (Façanha; Mesquita, 2019).

Na moda conceitual, o processo criativo é guiado por investigações teóricas e estéticas que desafiam a própria linguagem da moda. O objetivo não é apenas criar roupas, mas gerar reflexão e diálogo, colocando o conceito como protagonista. Esse tipo de moda não se limita ao visual; pode incluir elementos táteis, sonoros e até olfativos, sempre com o propósito de estimular a mente do espectador e ampliar os horizontes do que a moda pode ser. (Façanha e Mesquita, 2019) Na Moda Conceitual a roupa é vista como um suporte de ideias, ganhando múltiplos sentidos e materializando conceitos por meio de imagens. (Silva; Mori 2010)

Alexander McQueen é amplamente reconhecido como um dos maiores gênios da moda conceitual do século XXI, com uma carreira marcada por inovação, teatralidade e ousadia. Nascido em 1969, McQueen teve uma infância desafiadora, mas encontrou apoio na mãe, que incentivou sua paixão pela moda (Knox, 2010). Iniciou sua carreira na

costura aos 16 anos e trabalhou em renomados ateliês londrinos antes de se formar no curso de Mestrado em Moda da Central Saint Martins, em 1992 (Groves; Sprecher, 2024).

A trajetória de McQueen foi impulsionada pela editora Isabella Blow, que ajudou a estabelecer sua marca. Suas criações, conhecidas pela precisão técnica e designs provocativos, frequentemente desafiavam normas sociais e culturais (Knox, 2010). A sua primeira coleção foi patrocinada pelo British Fashion Council e apresentada no Ritz Hotel durante a London Fashion Week em 1993, marcando o início de uma carreira ascendente (Groves; Sprecher, 2024).

Nos anos 1990, McQueen transformou seus desfiles em espetáculos impactantes que exploravam temas sombrios, como morte, doença e abandono. A coleção "Highland Rape" de 1995, por exemplo, abordou a Rebelião Jacobita e foi descrita como "agressiva e perturbadora", gerando controvérsias e acusações de misoginia (Evans, 2003). No entanto, McQueen afirmou que o tema era o "estupro" da Escócia pela Inglaterra, uma metáfora para a guerra entre os escoceses e os ingleses (Evans, 2003).

O ano de 1998 foi significativo na carreira de Alexander McQueen, destacando-se por suas apresentações ousadas e inovadoras na London Fashion Week. Neste período, McQueen apresentou suas coleções de roupas masculinas e femininas juntas na passarela, culminando com a coleção Outono-Inverno 1998 "Joan" (Evans, 2003). Este ano também viu o reaparecimento do motivo da cabeça coberta por material em uma coleção de McQueen de Outono-Inverno 1998/1999, desta vez em renda floral vermelha escarlate, demonstrando sua habilidade em unir elementos artísticos e teatrais em suas criações (Evans, 2003). As coleções de McQueen neste ano refletiam sua capacidade de explorar temas sombrios e conceituais, solidificando sua reputação como um dos designers mais influentes e provocativos de sua geração.

McQueen foi um dos principais expoentes da moda conceitual nos anos 1990, transformando seus desfiles em verdadeiras performances artísticas. Ele utilizava sua habilidade excepcional em alfaiataria para criar designs ousados e provocativos que desafiavam normas sociais e culturais (Knox, 2010). Suas criações frequentemente exploravam temas sombrios, como morte, doença e abandono, e eram apresentadas de forma teatral e impactante (Evans, 2003). Essa abordagem revolucionária permitiu a McQueen transformar a passarela em uma experiência imersiva, unindo elementos de arte

e teatro para explorar questões profundas de identidade, alienação e mudança social (Evans, 2003). Seu estilo único e inovador consolidou seu legado como um dos designers mais influentes de sua geração, redefinindo os limites do design de moda (Groves; Sprecher, 2024).

Em 2000, o Grupo Gucci adquiriu uma participação majoritária na empresa, nomeando McQueen como diretor criativo. Essa parceria impulsionou a marca, permitindo colaborações notáveis, como a com a Huntsman, alfaiate de Savile Row, em 2002 (Groves; Sprecher, 2024). McQueen também ganhou destaque ao transformar a moda em uma performance artística, como demonstrado quando a cantora Bjork usou um vestido vermelho de lâminas de microscópio de vidro, que se transformou em um objeto de percussão enquanto ela dançava (Evans, 2003).

Sua abordagem inovadora e ousada na moda, combinando arte, teatro e crítica social, redefiniu os limites do design de moda e deixou um legado duradouro. McQueen nunca teve medo de abordar temas controversos e sombrios, utilizando suas criações para explorar a ligação entre erotismo, morte e trauma, como exemplificado em seus desfiles teatralmente cruéis (Knox, 2010; Evans, 2003).

Infelizmente, McQueen faleceu tragicamente em 2010, mas sua influência na indústria da moda continua a reverberar, consolidando-o como uma figura icônica cujas criações desafiavam tanto a estética quanto às convenções sociais (Knox, 2010).

4 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, direcionada à análise documental, com vistas a aprofundar a compreensão das contribuições de Helmut Lang ao minimalismo na moda e de Alexander McQueen à moda conceitual. A escolha por uma metodologia qualitativa se justifica pela necessidade de explorar em profundidade as características estilísticas e contextuais que marcam o trabalho desses designers, permitindo assim uma interpretação mais rica e detalhada das influências e inovações trazidas por eles ao campo do design de moda. A análise qualitativa é frequentemente utilizada em estudos de moda, pois permite a investigação das nuances estilísticas e a compreensão das relações simbólicas e culturais presentes nas criações de um estilista, conforme aponta Creswell (2009) ao discutir métodos de pesquisa qualitativa.

O universo da pesquisa foi constituído por materiais relacionados às coleções de Helmut Lang e Alexander McQueen, abrangendo tanto os desfiles de moda quanto a crítica especializada, artigos acadêmicos, entrevistas e livros que abordam suas obras e estilos distintos. A escolha dos materiais segue uma amostragem intencional, focada nas coleções mais emblemáticas desses estilistas, como aquelas realizadas durante a década de 1990 e início dos anos 2000 para Lang, e as coleções icônicas de McQueen ao longo de sua carreira. Essa amostragem é caracterizada como não probabilística, uma vez que se concentra em selecionar deliberadamente as fontes que melhor representam o objeto de estudo, permitindo uma análise mais direcionada e relevante.

Para a coleta de dados, utilizou-se principalmente a pesquisa documental e a análise de conteúdo. A pesquisa documental envolve a revisão sistemática de fontes primárias e secundárias, como revistas especializadas, entrevistas e livros sobre moda, que permitam compreender o contexto e as características do trabalho (Marconi; Lakatos 2010). A análise de conteúdo foi aplicada para examinar detalhadamente a coleção selecionada, identificando elementos estilísticos que correspondem aos princípios do minimalismo e da moda conceitual, explorando como esses elementos se manifestam nas estéticas promovidas por Lang e McQueen. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é uma técnica eficaz para interpretar significados latentes e explícitos em documentos, o que a torna apropriada para esta investigação sobre o impacto estilístico na moda, das criações desses estilistas.

A metodologia proposta, portanto, possibilitará ao pesquisador não apenas documentar as características minimalistas presentes nas obras de Helmut Lang e as características conceituais nas obras de Alexander McQueen, mas também interpretar o significado dessas características dentro do contexto mais amplo da moda contemporânea. Isso contribuirá para uma compreensão mais profunda do estilo minimalista e conceitual e de suas influências no design de moda atual.

5.1 ASPECTOS PARA ANÁLISE

A análise de peças de uma coleção, tanto minimalista quanto conceitual, oferece uma rica oportunidade para explorar a complexidade e a profundidade do design de vestuário. Neste estudo, serão avaliados quatro peças distintas, duas representando o minimalismo e outras duas a moda conceitual, com foco em três aspectos fundamentais: conforto, funcionalidade, e durabilidade. Através dessa análise, será possível compreender não apenas os princípios e técnicas aplicados nos designs, mas também o modo como os criadores das peças destacam suas visões e abordagens únicas. O objetivo é entender como cada um desses aspectos é incorporado e manifestado nos designs, revelando as particularidades e os impactos de cada estilo na percepção do usuário e na comunicação de valores e narrativas através da moda.

Para isso é necessário compreender o que cada um dos quatro aspectos abrangem e porque na área do vestuário é fundamental que todos estejam presentes.

5.1.2 Conforto

O conforto ergonômico está diretamente relacionado à adaptação das roupas ao corpo humano, promovendo liberdade de movimentos e bem-estar. A modelagem desempenha um papel crucial nesse processo, devendo ser baseada em estudos detalhados das dimensões corporais reais para garantir um ajuste adequado. Segundo Martins (2019), a modelagem eficiente requer dados precisos de antropometria⁴, possibilitando a criação de tabelas de medidas mais eficazes, ainda que a padronização no setor de vestuário permaneça um desafio. A escolha dos materiais têxteis também influencia significativamente o conforto ergonômico: tecidos flexíveis favorecem a adaptação ao corpo, enquanto materiais mais rígidos demandam soluções técnicas de modelagem mais complexas para dispor de conforto.

No campo sensorial, o conforto é determinado pelas tensões mecânicas geradas pela interação entre o tecido e a pele, que dependem de propriedades como tração, flexão e compressão dos materiais. Martins (2019) destaca que elementos como a

⁴ Antropometria é um ramo da antropologia que **estuda as medidas e dimensões das diversas partes do corpo humano**.

A antropometria está relacionada com os estudos da antropologia física ou biológica, que se ocupa em analisar os aspectos genéticos e biológicos do ser humano e compará-los entre si. (Fonte: [Significado de Antropometria \(O que é, Conceito e Definição\) - Significados](#))

rigidez das fibras e a pilosidade do tecido influenciam diretamente a experiência tátil do usuário, tornando essencial a seleção adequada de materiais para proporcionar maior bem-estar.

Por sua vez, o conforto termofisiológico é determinado pela capacidade do vestuário de manter o equilíbrio térmico do corpo em diferentes condições ambientais. Conforme Martins (2019), fatores como isolamento térmico, transporte de umidade e resistência ao vapor de água são cruciais para o desenvolvimento de roupas que atendam às necessidades sazonais, garantindo conforto tanto no inverno quanto no verão.

O conforto psicoestético, por outro lado, transcende as características técnicas das roupas, relacionando-se à experiência emocional e estética do usuário. Thomaz e Silva (2024) enfatizam que elementos como status social, auto imagem e personalização desempenham um papel crucial na satisfação psicológica proporcionada pelo vestuário. Nesse contexto, a moda é vista como uma forma de expressão individual, equilibrando funcionalidade e prazer estético. Na área da moda, segundo Baldini (2005), a linguagem do vestuário sempre foi um meio de comunicação essencial para os seres humanos. Antes mesmo da fala, nossas roupas revelam informações sobre identidade, status social, personalidade e até mesmo emoções. Essa comunicação não verbal é processada inconscientemente por todos.

5.1.3 Funcionalidade

A funcionalidade do vestuário está intrinsecamente ligada ao design ergonômico e à usabilidade. Iida (2005) define ergonomia como a ciência que adapta o trabalho e os produtos às necessidades humanas, considerando aspectos físicos, cognitivos e organizacionais. No design de moda, isso se traduz na criação de peças que não apenas atendam às demandas estéticas, mas que também promovam a mobilidade, a segurança e o bem-estar. Segundo a Associação Brasileira de Ergonomia (2024), a aplicação de princípios ergonômicos permite otimizar a experiência do usuário, desde a criação dos moldes até os acabamentos finais.

5.1.4 Durabilidade

A durabilidade, tanto material quanto emocional, é essencial para promover um consumo mais consciente e sustentável. Fletcher e Grose (2019) ressaltam que, além da qualidade física, é fundamental estabelecer um vínculo emocional entre o consumidor e a peça, reduzindo o descarte precoce. Iniciativas como o projeto "Lifetimes" exploram formas de prolongar o ciclo de vida das roupas por meio da reutilização e reciclagem, promovendo uma relação mais significativa com os produtos.

Berlim (2012) acrescenta que práticas como manutenção, restauração e personalização podem aumentar a vida útil das peças, incentivando um consumo mais responsável. Materiais reciclados, como poliéster proveniente de PET e algodão reciclado, são alternativas que aliam sustentabilidade e resistência, contribuindo para a criação de produtos duráveis sem comprometer a estética.

Ao integrar conforto, funcionalidade e durabilidade, o design de moda se posiciona como um campo multidisciplinar, comprometido em oferecer soluções que atendam às demandas do mercado e promovam experiências significativas para os usuários. Essa abordagem reflete não apenas uma evolução nas práticas de design, mas também um compromisso com a sustentabilidade e a inovação. Analisando quatro peças da coleção Primavera Verão de 1998, de Lang e McQueen exploraremos como esses aspectos são incorporados de maneira prática e eficaz.

6 ANÁLISE DE PEÇAS

A análise das peças selecionadas na coleção de Helmut Lang e de Alexander McQueen são apresentadas a seguir. Optou-se por utilizar peças básicas do guarda roupas tanto feminino, quanto masculino.

6.1 Vestido Tubinho de Helmut Lang

O vestido tubinho evoluiu ao longo do tempo como um reflexo da sociedade e da moda de diferentes períodos históricos. Uma de suas origens pode ser associada ao jumper, um vestido sem mangas com caimento folgado, popularizado no início do século XX por estilistas como Coco Chanel e Paul Poiret, que adaptaram o estilo para roupas

esportivas femininas (Stalder, 2009). Nos anos 1970, Pierre Cardin apresentou um tubinho mais justo, enquanto os anos 1980 consolidaram sua popularidade por meio de materiais elásticos, como spandex e jérsei, que ofereciam liberdade de movimento. Designers como Azzedine Alaïa trouxeram o modelo às passarelas e o consagraram como uma peça essencial para supermodelos e personalidades da época (Stalder, 2009). Figuras como Beth Ditto o popularizaram nas apresentações de rock, mostrando sua versatilidade.

Outro marco foi o tubinho com cintura delineada, introduzido nos Estados Unidos no século XX e popularizado por Oleg Cassini nos anos 1960, estilista de Jackie Kennedy, cuja elegância reforçou o apelo do modelo. Esse estilo inspirado no cheongsam chinês dos anos 1930 também ganhou notoriedade em eventos icônicos como o casamento de Carolyn Bisset com JFK (Stalder, 2009). Por fim, o tubinho solto, uma variação mais folgada e confortável, se tornou emblemático nos anos 1950 e 1960, sendo imortalizado por Audrey Hepburn no filme *Sabrina* e frequentemente usado por Jackie Kennedy durante as campanhas de seu marido (Stalder, 2009). Esse contexto histórico ajuda a compreender como a peça foi reinterpretada ao longo do tempo, culminando na versão minimalista e sofisticada criada por Helmut Lang em 1998, que capturou a essência do minimalismo e da moda conceitual da época.

Segundo Büttner (2021), Lang conseguiu transformar a "descolagem" em um mito da moda, criando uma identidade para os "adultos descolados" e anti-moda. Há uma possibilidade de que sua abordagem tenha sido influenciada por filmes e pela forma como esses retratavam personagens. Essa conexão entre moda e cinema, embora pouco explorada na literatura, pode ajudar a entender como a estética de Lang incorporou elementos da cultura de consumo e representações cinematográficas, consolidando sua marca como inovadora e culturalmente relevante.

Imagem 01: Vestido tubinho preto de Lang



Fonte: [firstVIEW](#)

O vestido regata com decote arredondado e comprimento na altura do joelho demonstra uma preocupação com o **conforto** sem abrir mão do design. Segundo Şenol (2018) Lang desenvolveu um estilo marcado por silhuetas simples, com cortes esculturais que uniam tecidos monocromáticos sofisticados e materiais sintéticos de caráter mais experimental. Seu visual urbano era caracterizado pela sobreposição de texturas contrastantes, como opaco e transparente ou fosco e brilhante.

E é o que podemos notar na escolha de materiais para esse vestido, como tule em detalhes e um tecido espesso por baixo, proporcionando uma combinação de leveza e sustentação. A simplicidade do corte e o ajuste ao corpo reforçam a funcionalidade para diversas ocasiões, permitindo liberdade de movimento e uma sensação de segurança ao vestir.

O minimalismo **funcional**, característica marcante de Helmut Lang, é evidente neste vestido. Ele é prático para o uso urbano e adapta-se a diferentes contextos sociais, indo desde eventos formais até situações mais descontraídas. A ausência de ornamentos excessivos e a escolha de materiais estratégicos tornam o vestido uma peça versátil e de fácil manutenção, características essenciais para o público feminino moderno e independente que Lang buscava atender.

Apesar de pertencer à coleção de 1998, a peça reflete uma atemporalidade que transcende tendências passageiras. Com suas linhas limpas e sua visão inovadora, Lang trouxe uma nova perspectiva à moda, misturando o urbano com o sofisticado e criando uma estética única e duradoura (Büttner, 2021). A utilização de tecidos de alta qualidade, combinados com técnicas de corte precisas, garante a longevidade do vestido. Essa **durabilidade** não é apenas material, mas também estética, já que o design minimalista continua relevante e desejável, mesmo décadas após sua criação.

Nesse vestido a escolha do preto comunica sobriedade, mistério e sofisticação. Os detalhes em tule sobrepostos ao tecido espesso criam um diálogo entre fragilidade e força, refletindo a dualidade do feminino moderno. O corte limpo e a ausência de elementos decorativos excessivos reforçam uma mensagem de simplicidade poderosa, alinhada à filosofia do "menos é mais". A peça transcende sua função utilitária, transformando-se em um símbolo de independência, empoderamento e valorização do essencial sobre o supérfluo, características que definem a estética de Helmut Lang.

Em resumo, o vestido tubinho preto de Helmut Lang encapsula o espírito do final da década de 90, equilibrando tradição e inovação. Ele exemplifica a habilidade do designer em transformar um clássico da moda em algo novo e relevante, mantendo sua essência funcional, confortável e sofisticada.

6.2 Vestido Tubinho de Alexander McQueen

A segunda peça a ser analisada é o vestido tubinho de Alexander McQueen que consta na imagem numero 2 a seguir após o contexto histórico:

A estampa animal print tem uma história significativa na moda, conectando simbolismos culturais, status social e transformações estilísticas ao longo dos séculos. Desde as antigas civilizações, padrões que imitavam peles de animais como onças, zebras e tigres eram utilizados para representar poder e luxo. Esses elementos estilísticos estavam frequentemente associados à elite e à realeza. Durante a Idade Média e o Renascimento, a produção de tecidos com desenhos inspirados em peles de animais era realizada com técnicas elaboradas, como bordados e tapeçarias, denotando riqueza e prestígio social (Wahba & Leite, 2022).

Já na Era Vitoriana, essas estampas ganharam novas conotações, ligadas ao exotismo e ao fascínio europeu por culturas africanas e asiáticas, um reflexo da expansão colonial da época. No entanto, foi no século XX que o animal print ganhou notoriedade e popularidade na moda. Durante os anos 1940 e 1950, estilistas renomados como Christian Dior começaram a incorporar essas estampas em suas coleções, consolidando-as como símbolos de feminilidade e sensualidade. Mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970, a estampa foi reinterpretada pela contracultura, assumindo uma conexão com a libertação sexual e o empoderamento feminino, marcando um momento de ruptura com os códigos sociais conservadores (Silva & Patrício, 2016).

Os estudos indicam que, nos anos 1980, marcas como Versace e Roberto Cavalli desempenharam um papel essencial na elevação da estampa animal print ao status de símbolo de glamour e opulência. Versace, por exemplo, destacou-se ao associar o luxo e a sensualidade à moda com características ousadas e exuberantes, enquanto Cavalli trouxe um estilo inovador que combinava sofisticação e ostentação. Esse período consolidou o animal print como um clássico atemporal, que permanece reinterpretado em diversas abordagens estilísticas até hoje. (Scarpellini, 2019; Dirix, 2016).

Imagem 02: Vestido Tubinho de McQueen



Fonte: [firstVIEW](#)

Alexander McQueen, conhecido como o "bad boy da moda britânica", trouxe uma abordagem dramática e provocadora à moda. Peças com estampas de animal print refletem sua exploração constante de temas como natureza, selvageria e instinto primal. Na década em que o vestido foi criado, havia uma busca por ousadia e teatralidade, algo que McQueen representava com maestria em suas coleções.

McQueen era mestre na construção de peças esculturais que moldavam o corpo de maneira dramática. O vestido apresenta cortes estruturados ou ajustados que destacam a figura feminina de forma poderosa. Segundo Bolton (2011), "McQueen tinha uma habilidade única para criar silhuetas que transformavam o corpo em uma obra de arte."

O uso de tecido sintético não apenas aponta para inovação tecnológica, mas também alinha-se à estética futurista e experimental de McQueen. Esse material pode ter sido utilizado para criar efeitos visuais ou texturas incomuns que remetem à pele de animais. De acordo com Fennetaux (2018), "McQueen frequentemente utilizava materiais

sintéticos para criar texturas que desafiavam as normas tradicionais da moda."

A animal print, presente no vestido, simboliza força e instinto selvagem. Para McQueen, isso muitas vezes era uma metáfora para a conexão entre a humanidade e o reino animal, explorando o lado primitivo do ser humano. Fennetaux (2018) observa que "a estampa animal em suas criações era uma forma de McQueen explorar a dualidade entre o natural e o artificial."

Embora a **funcionalidade** não fosse o foco principal de Alexander McQueen, seu domínio sobre a alfaiataria garantiu que os vestidos fossem ajustados ao corpo com precisão, proporcionando boa sustentação e segurança para quem os usasse. No entanto, o uso de tecidos sintéticos e a atenção à estética visual poderiam limitar a versatilidade da peça, tornando-a mais adequada para momentos específicos, como desfiles e ou eventos de grande impacto, do que para uso cotidiano.

A escolha de tecidos sintéticos, frequentemente presentes nas peças de McQueen, levanta questões sobre **durabilidade**. Materiais sintéticos podem ser resistentes ao desgaste e mais fáceis de manter, mas a longevidade da peça dependeria do tipo de sintético utilizado. Além disso, a complexidade da construção do vestido e a riqueza de detalhes exigiriam cuidados especiais, como limpeza profissional, para preservar sua integridade ao longo do tempo.

Embora McQueen priorizasse a narrativa e o impacto visual, seus vestidos frequentemente incorporavam cortes e materiais que moldavam o corpo com perfeição. No entanto, o uso de tecido sintético nesse vestido pode ter sacrificado um pouco do **conforto** em prol de um efeito visual impressionante e uma presença marcante na passarela. De acordo com Fennetaux (2018), "McQueen muitas vezes sacrificava o conforto em favor de um impacto visual poderoso."

A estampa animal print é um signo icônico que remete à força e à selvageria da natureza. Quando combinada com materiais sintéticos, o vestido dialoga com o conflito entre o natural e o artificial, entre o instintivo e o industrial. Essa justaposição é característica de Alexander McQueen, que frequentemente explorava narrativas de dualidade e contraste. Bolton (2011) descreve que "McQueen utilizava estampas animais para evocar uma conexão primordial entre a humanidade e a natureza selvagem."

Além disso, o vestido pode ser visto como uma celebração da feminilidade em sua forma mais feroz e empoderada, desafiando normas tradicionais de beleza e comportamento. Em suma, a peça se torna um manifesto visual de força, liberdade e rebeldia, características que definem o legado de Alexander McQueen.

6.3 Sobretudo de Helmut Lang

O terceiro look a ser analisado é de Helmut Lang que consta na imagem número 3 a seguir após o contexto histórico.

O sobretudo é uma peça de vestuário com uma longa e rica história que remonta ao século XVII. Originalmente concebido como uma vestimenta funcional para proteção contra o frio e a chuva, o sobretudo evoluiu para se tornar um ícone de moda e um símbolo de elegância e sofisticação.

O surgimento do sobretudo está intimamente ligado à evolução dos estilos de vida e às necessidades práticas das pessoas. Nos séculos XVII e XVIII, os sobretudos eram geralmente feitos de lã grossa e pesada, projetados para proporcionar calor durante os meses de inverno. Durante esse período, o sobretudo era conhecido por vários nomes, incluindo "greatcoat" na Inglaterra e "pardessus" na França (Gordon, 2018).

Com o passar do tempo, o design do sobretudo foi se refinando, refletindo as mudanças nas tendências de moda e nas técnicas de alfaiataria. No século XIX, especialmente durante a Era Vitoriana, o sobretudo tornou-se uma peça essencial no guarda-roupa masculino. A popularização do uso de sobretudos entre a aristocracia e a classe média foi impulsionada pela Revolução Industrial, que facilitou a produção em massa de tecidos e vestuário (Sawyer, 1999).

Uma variação importante do sobretudo que surgiu no século XX é o trench coat, criado por Thomas Burberry durante a Primeira Guerra Mundial. Originalmente projetado para uso militar, o trench coat rapidamente ganhou popularidade entre civis por sua funcionalidade e estilo distinto. Feito de gabardine impermeável, o trench coat era leve, mas eficaz na proteção contra o clima adverso (Franklin, 2021).

Ao longo do século XX, o sobretudo continuou a evoluir, adotando novos materiais e cortes que refletiam as tendências da época. Nos anos 1950 e 1960, os sobretudos ganharam um apelo popular, sendo usados tanto por homens quanto por mulheres em uma variedade de contextos sociais. Designers renomados, como Yves Saint Laurent e Giorgio Armani, incorporaram o sobretudo em suas coleções, consolidando-o como um símbolo de elegância e estilo (Miller, 2019).

Imagem 03: Sobretudo de Lang



Fonte: [firstVIEW](#)

Helmut Lang, pioneiro do minimalismo, reformulou o conceito de moda contemporânea com criações que mesclavam simplicidade e inovação. Ele trouxe uma estética simplificada para a moda, focando em peças básicas com pouca decoração, o que facilitava a reprodução e criava um estilo atemporal e versátil (Büttner, 2021). Lang utilizava cores neutras, tecidos naturais e um design conciso, refletindo o desejo de sua geração por peças duráveis e universais, em contraste com o consumo excessivo da época (Minasian; Gudkova, 2022).

O look analisado combina elementos clássicos – sobretudo preto, camisa social branca, calça social preta e sapato preto – com cortes precisos e atenção ao caimento, características da estética minimalista de Lang. Apesar da formalidade, o **conforto** é promovido por tecidos cuidadosamente selecionados, como lã leve no sobretudo e algodão estruturado na camisa. Esses materiais permitem mobilidade e adaptação ao corpo, destacando o equilíbrio entre sofisticação e bem-estar.

Lang também é conhecido por integrar **funcionalidade** ao design. O sobretudo oferece proteção contra intempéries, enquanto a calça e a camisa social têm cortes que priorizam a praticidade no movimento. A escolha monocromática e atemporal do preto e branco facilita a combinação com outras peças, refletindo um compromisso com a utilidade além da passarela. A simplicidade das linhas evita distrações, reforçando a ideia de moda prática para o cotidiano.

No contexto do minimalismo, cores neutras como branco e preto são frequentemente usadas para transmitir simplicidade, pureza e sofisticação. Como observado por Kawamura (2005), "o uso de uma paleta de cores reduzida no minimalismo destaca a forma e a funcionalidade das peças, eliminando distrações visuais". Barnard (1996) também afirma que "a cor desempenha um papel crucial na comunicação de mensagens de moda, com cores neutras frequentemente associadas a um estilo minimalista e elegante".

O compromisso de Lang com materiais de alta qualidade e design intencional reflete-se na **longevidade** de suas criações. A lã do sobretudo, a camisa de algodão estruturado e a alfaiataria das calças demonstram preocupação com a resistência ao desgaste, mesmo em condições de uso frequente. Além disso, o estilo clássico e minimalista transcende tendências, garantindo relevância por muitos anos (Büttner, 2021).

Lang cultivou um estilo andrógino e sofisticado, reinterpretando o guarda-roupa clássico com peças como calças ajustadas e jaquetas simples. Essa estética dialogava com a transição cultural dos jovens de sua época, influenciados por movimentos alternativos como o punk e o rave, que na vida adulta buscavam uma moda prática para eventos formais e sociais (Minasian; Gudkova, 2022).

Suas peças, com cortes precisos e elementos simbólicos, como o uso recorrente do

preto, comunicavam sobriedade e versatilidade. O impacto de seu trabalho reside na criação de um guarda-roupa básico, mas sofisticado, que tornou a moda vanguardista acessível e relevante no cotidiano (Minasian; Gudkova, 2022).

6.4 Sobretudo de Alexander McQueen

Imagem 04: Sobretudo de McQueen



Fonte: [firstVIEW](#)

McQueen era conhecido por desafiar os limites entre estética e funcionalidade, o que também se reflete no **conforto** desse look. Segundo Bolton (2011), McQueen constantemente explorava a relação entre corpo e materialidade, utilizando tecidos que dialogassem com a estética desejada, ainda que desafiassem o uso cotidiano. Embora os materiais sintéticos possam ter uma textura menos respirável em comparação aos tecidos naturais, eles foram estrategicamente posicionados em recortes no sobretudo, permitindo um contraste visual e funcional. Essa abordagem pode ser entendida como uma extensão da ideia de McQueen de que "a moda deve desafiar os limites do ordinário" (Bolton, 2011).

A estrutura da camisa e da calça, mesmo em material sintético, parece adaptada ao corpo, equilibrando o visual futurista com uma silhueta que favorece a mobilidade. Entretanto, é um modelo pensado majoritariamente para passarela ou eventos específicos, pois, como observado por Koda (2001), o uso prolongado de peças com materiais sintéticos pode apresentar desafios como transpiração excessiva e menor conforto térmico.

Para McQueen, **funcionalidade** transcende o uso prático, incorporando elementos teatrais que, ainda assim, encontram ecos na vida real. O sobretudo com recortes em material sintético adiciona proteção extra em áreas específicas, sugerindo resistência a intempéries ou desgaste. De acordo com Barnard (1996), a funcionalidade no design pode ser interpretada como um equilíbrio entre o significado simbólico e o uso prático. O uso de tecidos sintéticos para a camisa e a calça promove características como fácil manutenção (lavagem e secagem rápidas) e adaptabilidade a diferentes contextos.

No entanto, a funcionalidade pode ser sacrificada pelo compromisso de McQueen com a provocação estética, privilegiando a forma sobre a convenção prática, como indicado por Bolton (2011), que aponta que o estilista frequentemente desafiava os limites do que era considerado usável.

Os recortes do sobretudo podem ter sido pensados não apenas como um elemento visual, mas também como reforço em áreas de maior fricção ou exposição. Entretanto, o foco de McQueen na construção dramática de peças pode, em alguns casos, criar fragilidades em costuras ou detalhes, dependendo da complexidade do design. Fletcher e Grose (2019) destacam que a **durabilidade** de um produto de moda depende tanto da qualidade dos materiais quanto do planejamento na construção das peças, algo que McQueen dominava com maestria. Mesmo assim, a durabilidade do look está intrinsecamente ligada à qualidade dos acabamentos e à visão impecável do designer.

A escolha dos materiais e cortes também evoca uma masculinidade que desafia normas e explora vulnerabilidade e força simultaneamente. Como Barthes (1983) explica, a moda pode ser entendida como um sistema de significados que reflete e desafia as estruturas sociais, e McQueen utilizava essa linguagem de forma provocativa e inovadora.

6.5 CONTRIBUIÇÕES DAS COLEÇÕES ANALISADAS PARA A MODA CONTEMPORÂNEA

A moda contemporânea é marcada pela fusão entre a ousadia artística e a funcionalidade prática, valores amplamente moldados pelas contribuições de visionários como Helmut Lang e Alexander McQueen. Embora suas trajetórias sejam distintas, ambos os estilistas redefiniram paradigmas e estabeleceram novas maneiras de entender a moda como expressão cultural e social.

Helmut Lang é amplamente reconhecido por sua estética minimalista e funcional, que transformou a moda nos anos 1990. Suas peças exploravam linhas limpas, cortes arquitetônicos e materiais industriais, como PVC e borracha, misturando elementos de alta costura com a estética utilitária. O crítico de moda Tim Blanks destacou que Lang trouxe "a sensibilidade do futuro" para o presente, mesclando o pragmatismo da vida urbana com um senso de inovação tecnológica (Bolton; Lydon e Savage, 2013). Sua influência se reflete em marcas contemporâneas que ainda buscam inspiração na sua abordagem despojada e utilitária. Além disso, Lang foi pioneiro na utilização da internet como plataforma para desfiles, algo revolucionário em uma época onde a moda ainda era dominada pela exclusividade das passarelas físicas.

Alexander McQueen, por sua vez, rompeu com as convenções da moda ao criar coleções que eram ao mesmo tempo teatrais e profundamente emocionais. Sua habilidade de contar histórias por meio do vestuário transformou os desfiles em verdadeiras performances artísticas. Andrew Bolton, curador do livro *Alexander McQueen: Savage Beauty*, afirma que McQueen desafiava limites ao abordar temas como a fragilidade humana, a morte e a natureza em seus trabalhos, fundindo elementos históricos com toques futuristas e sombrios (Bolton, 2011). McQueen também foi um mestre na técnica de corte e alfaiataria, herdada de sua formação em Savile Row, que ele subvertia para criar silhuetas dramáticas e inesperadas.

Enquanto Lang adotava a simplicidade como veículo de comunicação, McQueen fazia da extravagância o coração de sua narrativa. Apesar dessas abordagens contrastantes, ambos os estilistas compartilharam o desejo de quebrar normas e redefinir o papel da moda na sociedade. Juntos, Lang e McQueen expandiram os limites da moda contemporânea. Lang trouxe um olhar modernista e funcional para o guarda-roupa do dia a dia, enquanto McQueen transformou a moda em uma poderosa forma de expressão artística. Ambos reforçam a ideia de que a moda não é apenas sobre o que vestimos, mas sobre como traduzimos o mundo à nossa volta em forma, função e significado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa refletem a análise das contribuições de Helmut Lang e Alexander McQueen para a moda contemporânea, especificamente através do minimalismo e da moda conceitual. Os objetivos traçados inicialmente foram alcançados com sucesso, afinal foi possível investigar o surgimento dos movimentos minimalista e conceitual na esfera da moda, além de descrever a incorporação do minimalismo nas coleções de Helmut Lang e explorar a aplicação da moda conceitual nas criações de Alexander McQueen.

A análise das coleções Primavera/Verão de 1998 de ambos os estilistas permitiu uma compreensão aprofundada das categorias de conforto, funcionalidade e durabilidade em suas obras. Lang e McQueen, embora com abordagens distintas, redefiniram as expectativas da moda e estabeleceram novos paradigmas que continuam a influenciar o cenário da moda contemporânea.

Durante o processo de pesquisa, foi evidente o aprendizado significativo acerca da capacidade de ambos os estilistas em transformar conceitos abstratos em peças de vestuário inovadoras. Lang destacou-se por sua abordagem minimalista e funcional, enquanto McQueen utilizou a moda como uma plataforma para narrativas emocionais e performances artísticas impactantes.

Para pesquisas futuras, recomenda-se uma investigação mais detalhada sobre a influência de Helmut Lang e Alexander McQueen em designers contemporâneos específicos, assim como um estudo comparativo entre outros designers minimalistas e conceituais em relação a causas ambientais. Ademais, explorar a recepção das coleções

de ambos os estilistas pelo público e pela crítica pode proporcionar uma visão mais ampla sobre seu impacto cultural e social.

Em suma , esta pesquisa evidenciou a contribuição significativa de Helmut Lang e Alexander McQueen para a moda, demonstrando como suas abordagens inovadoras e estilos únicos continuam a moldar e inspirar o mundo da moda contemporânea. A análise aprofundada e o aprendizado adquirido reafirmam a importância de estudar a obra desses visionários para compreender a evolução e as tendências da moda atual.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que me apoiaram durante a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço primeiramente a Deus pela saúde e força. À minha mãe Marli Aparecida de Lima, irmão Gabriel Camilo de Lima, e especialmente em memória do meu amado pai José Camilo de Lima Filho que sempre estará presente. A minha orientadora, Professora Vivian Andreatta Los, pela orientação e paciência ao longo deste processo. Aos professores do Instituto Federal de Santa Catarina de Jaraguá do Sul/Centro, por todo o conhecimento compartilhado. A todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho, meu muito obrigado.

REFERÊNCIAS

BALDINI, Massimo (org.). **Semiotica della moda**. Roma: Armando, 2005. 224 p. (I linguaggi della comunicazione). ISBN 88-8358-767-7. Disponível em: [Semiotica della moda - Google Livros](#) Acesso em: 08 jan. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. Acervo da biblioteca do IFSC, Câmpus Jaraguá do Sul SC.

BARNARD, Malcolm. **Moda como comunicação**. Londres: Routledge, 1996. Disponível

em.: [Fashion as Communication - Google Books](#) Acesso em: 22 jan. 2025.

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. Berkeley: Imprensa da Universidade da Califórnia, 1983. Disponível em: [Sistema da moda - Roland Barthes - Google Livros](#). Acesso em: 22 jan. 2025.

BATCHELOR, David. **Minimalism**. Edição ilustrada. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 96 p. ISBN 0521627591. Disponível em.: [Minimalismo: Movimientos en el Arte Moderno \(Serie Tate Gallery\) - David Bachelor - Google Books](#). Pg 6, 1999. Acesso em: 17 jul. 2024.

BEZERRA, Maria Clarisse Lisboa de Medeiros. **O inquietante feminino**: desenvolvimento de design de moda conceitual. *Universidade Federal do Rio Grande do Norte*, 9 set. 2021. Disponível em.: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/39581>. Acesso em: 18 dez. 2024.

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade**: uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012. ISBN 9786586088090. Disponível em.: [Moda e Sustentabilidade: uma reflexão necessária - Google Books](#). Acesso em: 24 jul. 2024.

BLACKMAN, C. **100 Years of Fashion**. London: Laurence King Publishing, 2017.

BOLT, M. *Alexander McQueen: Savage Beauty*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2007.

BOLTON, Andrew; HELL, Richard; LYDON, John; SAVAGE, Jon. **Punk: Chaos to Couture**. Eugenia Bell (ed.). New York: Metropolitan Museum of Art, 2013. 239 p. ISBN 0300191855. Disponível em.: [Punk - Google Books](#). Acesso em: 24 jul. 2024.

BOLTON, Andrew; MCQUEEN, Alexander. **Alexander McQueen: Savage Beauty**. Nova York: Metropolitan Museum of Art, 2011. 240 p. ISBN 1588394123, 9781588394125. Disponível em: [Alexander McQueen: Savage Beauty - Andrew Bolton, Alexander McQueen - Google Livros](#). Acesso em: 23 jan. 2025.

BRAGA, João. **A alunissagem e a alucinação da moda**. *Dobras*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-12, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/253/250>. Acesso

em: 18 jul. 2024.

BÜTTNER, Sophie. **The Vincent Vega in Helmut Lang**: Framing Helmut Lang's Coolness in Relation to Cool Movie Characters. *Master Thesis (Fashion Studies)* – Department of Media Studies, University of Gothenburg, Gothenburg, 2021. Disponível em: <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1569974/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2024.

CHUBOTINA, Iryna. **Transformation of the design of men's costume 1960s–1970s in Ukraine**: Style, silhouette, color, texture. *European Journal of Humanities and Social Sciences*, n. 2, p. 17-18, 2020. Disponível em: https://ppublishing.org/media/uploads/journals/journal/EJH_2_2020.pdf#page=15. Acesso em: 11 jul. 2024.

CHO, Kyoung Hee. **Um estudo das características arquitetônicas retratadas no design de moda de Andre Courrèges**. *Departamento de Roupas e Têxteis, Universidade Nacional de Mokpo*, 25 nov. 1994. Disponível em: <https://koreascience.kr/article/JAKO199411919947256.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.

CRAVEN, Jo. **Helmut Lang**. *Vogue UK*, 22 abr. 2008. Disponível em: <https://www.vogue.co.uk/article/helmut-lang-biography>. Acesso em: 28 jul. 2024.

CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. Los Angeles: SAGE Publications, 2022. 320 p. ISBN 1071817973, 9781071817971. Disponível em: [Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches - John W. Creswell, J. David Creswell - Google Livros](#). Acesso em: 8 jan. 2025.

EVANS, Caroline. **Fashion at the Edge: Spectacle, Modernity and Deathliness**. New Haven: Yale University Press, 2003. 334 p. ISBN 9780300101928. Disponível em: [Fashion at the Edge - Google Books](#). Acesso em: 8 jan. 2025.

FAÇANHA, Astrid; MESQUITA, Cristiane. **Styling e criação de imagem de moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019. 344 p. ISBN 978-85-396-2483-6. Disponível em: [Styling e criação de imagem de moda - Google Books](#). Acesso em: 8 jan. 2025.

FANG, Ge; FU, Yuxin; PENG, Linqi. **Wabi-sabi style: the collision of the East and West**,

the combination of the fashion and the nature. Journal of Education, Humanities and Social Sciences, [S. l.], v. 8, p. 1-10, 2023. Disponível em: <https://drpress.org/ojs/index.php/EHSS/article/view/5019>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FENNETAUX, Ariane. **Fashioning the Early Modern: Creativity and Innovation in Europe, 1500-1800**. Routledge, 2018. Disponível em: [Influences of Alexander McQueen Fashion • Fashion blog](#). Acesso em: 8 jan. 2025.

FIORANI, E. **A Estética do Minimalismo na Moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. **Moda & sustentabilidade: Design para mudança**. Traduzido por Janaina Marcoantonio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019. 192 p. ISBN 853963029X, 9788539630295. Disponível em: [Moda & sustentabilidade: Design para mudança - Kate Fletcher, Lynda Grose - Google Livros](#). Acesso em: 8 jan. 2025.

FRANKLIN, John. **Military Fashion: The Story Behind the Trench Coat**. Nova York: HarperCollins, 2021.

GIRARD, Alice. **History and Evolution of Fashion and Design in Different Regions and Periods in France**. *International Journal of Fashion Design*, v. 8, p. 1-10, 2024. DOI: 10.47604/ijfd.2390. Disponível em: <https://iprijb.org/journals/index.php/IJFD/article/view/2390>. Acesso em: 11 jul. 2024.

GORDON, Charlotte. **The Greatcoat: A Historical Overview**. Paris: Flammarion, 2018.

GUARDELLI, Enrico. **Menos é mais: a arte do minimalismo**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2024. Disponível em: [Menos é Mais : A Arte do Minimalismo - Google Books](#). Acesso em: 24 jul. 2024.

GROVES, Andrew; SPRECHER, Danielle. **Inside the Westminster Menswear Archive**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2024. 336 p. ISBN 9781350330955. Disponível em: [Inside the Westminster Menswear Archive - Google Books](#). Acesso em: 26 jan. 2025.

KAWAMURA, Yuniya. *Fashion-ology: An Introduction to Fashion Studies*. Ilustrada. Dress,

Body, Culture, ISSN 1360-466X. London: Bloomsbury Academic, 2018. 168 p. ISBN 1474278485, 9781474278485. Disponível em: [Fashion-ology: An Introduction to Fashion Studies - Yuniya Kawamura - Google Livros](#). Acesso em: 22 jan. 2025.

KNOX, Kristin. **Alexander McQueen: Genius of a Generation**. Londres: A & C Black Publishers Limited, 2010. ISBN 978-14081-3076-6. Disponível em: [Alexander McQueen: Genius of a Generation - Kristin Knox - Google Livros](#). Acesso em: 22 jan. 2025.

KODA, Harold. **Extreme Beauty: The Body Transformed**. Edição ilustrada, reimpressão. New York: Metropolitan Museum of Art, 2001. 168 p. ISBN 0300103123. Disponível em: https://books.google.com/books?id=6F_fAAAAMAAJ. Acesso em: 29 jan. 2025.

IIDA, Itiro. **Ergonomia: projeto e produção**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2005. Acervo da biblioteca do IFSC, Câmpus Jaraguá do Sul SC, sob o número 80193. Ex 2

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero: A Moda e seu Destino nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAMEDE, Salomé Carreira. **Meaningmalismo**: de uma revisão crítica a uma proposta conceitual do minimalismo no consumo. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2021. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/137534/3/513547.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010. [Repositório de Informação Acessível: Fundamentos de metodologia científica](#). Acesso em: 2 out. 2024.

MARTINS, Suzana Barreto (Org.). **Ergonomia, usabilidade e conforto na moda: a metodologia OIKOS**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br>. Acesso em: 2 out. 2024.

MILLER, Timothy. **Fashion icons: the stories behind the classics**. Milan: Rizzoli, 2019.

MINASIAN, Melaniia; GUDKOVA, Nataliia. **Fashion development**: from 1990s minimalism

to sustainable fashion. *International Scientific Journal «Grail of Science»*, n. 14-15, 2022. Disponível em: <https://archive.journal-grail.science/index.php/2710-3056/article/view/278/277>. Acesso em: 28 jul. 2024.

QUINN, B. **Minimalism and Fashion: Reduction in the Postmodern Era**. New York: Harper Design, 2012.

RENFREW, Elionor; RENFREW, Colin. **Desenvolvendo uma coleção**. Editora Bookman, 2010. ISBN:9788577808700, 857780870X. p. 55. Disponível em: <https://books.google.com>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SAWYER, J. E. **The coat: its precursors and their relationship to coat evolution**. Calgary: University of Calgary, 1999. Disponível em: <https://prism.ucalgary.ca/bitstreams/36110b83-4358-49f8-bdf9-e08027676384/download>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SCARPELLINI, Emanuela. **Italian fashion since 1945: a cultural history**. Springer, 2019. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-17812-3_5. Acesso em: 27 jan. 2025.

ŞENOL, Nurdan. **Uma visão geral do efeito do movimento de arte minimalista na moda**. *Art - Sanat*, 12 dez. 2018. Escola de Ciências Técnicas da Universidade de Giresun, Design de Moda. Disponível em: nurdan.senol@giresun.edu.tr. Acesso em: 28 jul. 2024.

SEQUEIRA, Maria Luísa Alves de Paiva Menezes. **O minimalismo nas produções escultórica e arquitetônica**. 2013. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8680/1/ulsd65825_td_Maria_Sequeira.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA, T. C. R.; PATRÍCIO, F. S. **Design de superfície têxtil: além da imagem estampada**. 2016. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SILVA, Keytielle Mendonça da; MORI, Fabiana Miano. **O registro de uma ideia: asserções sobre moda conceitual**. *Travessias*, Cascavel: Universidade Estadual do Oeste

do Paraná, v. 4, n. 3, p. 183-205, 2010. Disponível em: [Redalyc.O REGISTRO DE UMA IDEIA: ASSERÇÕES SOBRE MODA CONCEITUAL](#). Acesso em: 16 jan. 2025.

SIMMEL, G. A moda. In: SIMMEL, G. **Cultura filosófica**. São Paulo: Editora 34, 2020, p. 43 - 75

SOARES, Rafaela Gonçalves Manini. **Sustentabilidade no design de moda**: um contributo com a moda minimalista e moda sem gênero. 2002. p. 36. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/12458/1/8725_19358.pdf. Acesso em: 17 jul. 2024.

STALDER, Erika. **Moda: um curso prático e essencial**. Tradução de Maíra Gonçalves Malosso. Ilustrações de Ariel Krietzman. São Paulo: Marco Zero, 2009. Disponível em: [Moda – um curso prático e essencial - Google Books](#). Acesso em: 19 jan. 2025.

THOMAZ, Acácio; SILVA, Edineia Pereira da. **Métodos e técnicas de ensino para o design de moda**. *Revista Unifebe*, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/984>. Acesso em: 4 out. 2024.

WAHBA, L. L.; LEITE, S. **A permanência dos símbolos teriomórficos na arte e na psique**. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2022. Disponível em: <https://uel.br>.